

Traços Gerais: novos nomes da ilustração mineira¹

Danielle Graziella de Freitas Oliveira²

Letícia Santana Gomes³

Pablo Guimarães (Orientador)⁴

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

Este trabalho aborda o processo de elaboração e de confecção do catálogo *Traços Gerais: novos nomes da ilustração mineira*, que reúne vinte artistas atuantes em Minas Gerais. O projeto foi desenvolvido durante a disciplina Processos de Edição III, do curso de graduação em Letras (Tecnologias de Edição) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). A partir de referências teóricas como Linden (2011), Ramos (2011), destacaremos as transformações em relação ao espaço e à função da ilustração na produção editorial de livros infantis e como essa mudança afetou diretamente o *status* do papel do ilustrador.

Palavras-chave: catálogo; ilustradores; mercado editorial.

Introdução

Considerando a tradição mineira de revelar grandes nomes da ilustração nacional, como Ângela Lago, Marilda Castanha e Nelson Cruz, entre tantos outros, não foi pequeno o desafio de reunir e divulgar novos nomes da ilustração feita em Minas Gerais. Este é o principal objetivo do catálogo *Traços Gerais: novos nomes da ilustração mineira*, composto por vinte ilustradores de livros infantojuvenis e realizado como atividade final da disciplina Processos de Edição III, do curso de Letras (Tecnologias de Edição), do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), e cujas etapas de produção abordaremos neste trabalho. Aprovado em 2010, o curso do CEFET-MG é uma proposta inovadora, já que se trata da única graduação em Letras do país com foco em edição e que tem como finalidade “formar um especialista em linguagens (inclusive

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Letras (Tecnologias de Edição) – CEFET-MG, email: dani.cefet1@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Letras (Tecnologias de Edição) – CEFET-MG, email: leticiasantanag@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Letras (Tecnologias de Edição) – CEFET-MG, email: pguimaraes76@gmail.com

literária), capaz de transformar uma proposta ou uma ideia em um produto”, como aponta a docente Ana Elisa Ribeiro⁵.

Assim, além de oferecer disciplinas tradicionais dos Estudos Linguísticos e Literários, há na matriz curricular disciplinas de estudos de técnicas e de processos de edição que estabelecem o diálogo com os bacharelados em Comunicação Social: Produção Editorial da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Editoração da Universidade de São Paulo e Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria. Tendo como diferencial as interfaces que mantém com as áreas da Administração, das Artes, da Comunicação e da Computação, o curso de Letras do CEFET-MG demonstra o seu viés tecnológico e permite uma interdisciplinaridade enriquecedora aos alunos.

Ao longo das disciplinas do eixo Processos de Edição vários projetos editoriais foram propostos aos alunos como novos desafios. Apresentaremos o percurso trilhado no curso até a produção de *Traços Gerais: novos nomes da ilustração mineira*, catálogo que teve como intuito elaborar uma espécie de *portfólio*, demonstrando a riqueza e a diversidade dos trabalhos de vários novos talentos, incluindo ilustrações presentes em livros infantojuvenis publicados por editoras mineiras. Acreditamos que, possivelmente, esse catálogo seja útil para os editores que necessitem ampliar suas opções de profissionais da ilustração, tendo em vista que o segmento de livros infantojuvenis se expandiu muito nos últimos anos, chegando a ser, em 2009, um dos mais produtivos em termos de vendas (MACIEL, 2010). Destacaremos ainda, a partir de referências teóricas como Linden (2011), Ramos (2011), as transformações em relação ao espaço e à função da ilustração na produção editorial de livros para crianças e como essas mudanças afetaram diretamente o *status* do papel do ilustrador.

Trajetória

Passamos agora a fazer um pequeno relato sobre nossa ainda incipiente, mas fundamental, trajetória no desenvolvimento e realização de projetos editoriais. Nos períodos iniciais do curso de Letras do CEFET-MG, estudamos autores de referência como forma de introdução teórica aos estudos da edição para somente depois realizarmos um projeto

⁵ Trecho retirado da entrevista com a professora do curso de Letras (Tecnologias do CEFET-MG) e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (CEFET-MG), Dra. Ana Elisa Ribeiro. Disponível em: <http://www.cefetmg.br/noticias/2010/09/noticia0026.html>. Acessado em 17/07/2014.

editorial na disciplina Processos de Edição I. Desenvolvemos a revista *Bisonte*⁶, edição especial, que teve como tema o escritor baiano Gregório de Matos. Participamos de todo o processo de organização, de pesquisa, de confecção e de diagramação da revista, o que nos mostrou a necessidade de se estar atento aos vários aspectos de *design*: cor, fonte tipográfica, *layout*, entre tantos outros elementos, necessários para a criação da identidade do projeto. Outro aspecto que pudemos notar foi a importância de se pensar no público-alvo da produção, pois é ele quem definirá o tipo de linguagem dos textos da publicação.



Fig.1: Revista Bisonte

Em Processos de Edição II produzimos a adaptação do livro *Meus Segredos com Capitu*, de Ana Elisa Ribeiro para uma edição de bolso. Diagramamos as crônicas do livro para esse novo formato, escrevemos o texto de apresentação e elaboramos uma nova capa. Como atividade associada a essa produção, gravamos um *book-trailer* para suposta divulgação desse novo livro.

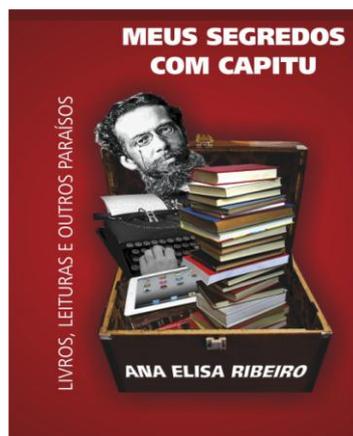


Fig. 2: Capa da edição de bolso de *Meus segredos com Capitu*

⁶ A justificativa para o título da revista traduz o que pretendíamos: relacionar palavras, letras, significações, análises literárias e autores. Além de ter um sentido sonoro sugestivo ‘Bisonte’, ‘Beozonte’, ‘Belo Horizonte’.



Fig. 3: Cena do *booktrailer* realizado para o livro *Meus segredos com Capitu*

Dessa forma, quando em Processos de Edição III surgiu a ideia da realização do catálogo *Traços Gerais: novos nomes da ilustração mineira*, como resultado das discussões ao longo dessa disciplina sobre o papel de destaque das ilustrações na publicação de livros infantojuvenis contemporâneos, já havíamos trilhado um pequeno percurso quanto ao desenvolvimento de projetos editoriais. Desde o início, tínhamos a convicção de que esse catálogo não conseguiria abranger, em sua totalidade, os vários talentos da ilustração produzida em Minas. Por isso, chegamos a algumas definições para o recorte: entramos em contato com dez editoras mineiras que publicam obras infantis e infantojuvenis, sendo que nove delas (Aletria, Autêntica, Dimensão, Dubolsinho, Fino Traço, Lê, Mazza Edições, RHJ e UNI DUNI) responderam nossa solicitação de indicação de nomes que fizessem parte de um novo grupo de ilustradores que atuassem em Minas Gerais. Com mais de trinta nomes indicados, entramos em contato por e-mail com os ilustradores e alguns deles nos disseram que não estavam trabalhando mais com ilustração, outros alegaram ainda falta de tempo para participarem do projeto.

No entanto, vinte artistas aceitaram participar desse projeto: Ana Cunha, André Persechini, Camila Piló, Carmen Barbi, Carol Rossetti, Esther Azevedo, Evandro Renan, Flávio Fargas, Gabriela Birchall, Josias Marinho, Laura Barreto, Lucas Fernandes, Luisa Ribeiro, Mônica Vaz, Rita Viana, Santiago Régis, Suryara Bernardi, Thaís Mesquita, Thiago Amormino e Warley Desali. A maioria desses vinte ilustradores pôde comparecer ao CEFET-MG para apresentar suas trajetórias, mostrar um pouco de seus trabalhos e discutir sobre o atual cenário do mercado editorial mineiro para a ilustração de livros infantojuvenis.

Após a apresentação, ficou combinado que eles enviariam cinco ilustrações de seu *portfólio*, com a ressalva de que algumas deveriam ser trabalhos publicados em livros infantojuvenis. Mas no catálogo há também ilustrações feitas para revistas, capas de CDs,

intervenções urbanas, ilustrações pessoais e imagens produzidas a partir do tema “o olhar sobre Minas Gerais”, realizadas especialmente para este projeto. Ilustrações que demonstram a sensibilidade de cada ilustrador ao apresentar Minas sob diversos aspectos, como, por exemplo, o famoso pão-de-queijo (Carmen Barbi); o fogão a lenha (Evandro Renan); peças artesanais típicas da região do vale do Jequitinhonha (Lucas Martins); ou ainda por meio das ladeiras da cidade histórica de Tiradentes (Carol Rossetti).



Fig. 4: Carol Rossetti (2014)

Elaboração do Projeto

Tivemos cerca de quatro meses para a elaboração de todo o projeto, desde a escrita de breves biografias de cada ilustrador, traduzidas para o inglês, até a apresentação final da proposta gráfica para uma banca composta pelo ilustrador Walter Lara e pelo também ilustrador e designer Maurizio Manzo, que muito acrescentaram a esse projeto com seus comentários. Nesse período, participamos de uma oficina de revisão, uma oficina sobre estratégias de apresentação de projetos e oficinas com *designers* sobre projetos editoriais. Essas últimas demonstraram a importância do *layout*, da escolha das fontes e de se ter referências para iniciar a produção do catálogo. De um lado, consultando *designers*, e de outro, pesquisando catálogos com ilustradores, adotamos como principal referência o *Catálogo ilustradores SIB: Literatura Infantil e Juvenil*, no qual o ilustrador e organizador da obra, Maurício Negro, apresenta um panorama com quarenta ilustradores brasileiros de literatura infantil e juvenil, muitos deles com trajetória já consolidada e premiações no Brasil e no exterior.

Projeto gráfico

Como não há aqui espaço para detalharmos os vários aspectos do projeto gráfico e os motivos de suas escolhas, destacaremos de forma geral o formato, a cor e a tipografia. Segundo o editor Plínio Martins Filho (1997), quando se cria um projeto gráfico, o primeiro item a ser observado é o formato externo. O catálogo *Traços Gerais* precisaria ter um formato que conciliasse as questões de custo e estética. Deste modo, após a apresentação final para a banca, o formato escolhido foi 21 x 26 cm. Em relação à cor, decidimos que o vermelho e o branco seriam as cores da capa, uma vez que essas cores remetem à bandeira do estado de Minas Gerais.

Para a escolha das fontes tipográficas consultamos alguns livros como *Pensar com tipos* e *Novo Projeto tipográfico*, os quais nos possibilitaram escolhas que se adequassem à identidade visual que pretendíamos criar. Dedicamos muita atenção a essa fase, já que a fonte é elemento de grande importância, como ressalta Lupton: “[...] é uma ferramenta com a qual o conteúdo ganha forma, a linguagem ganha um corpo físico e as mensagens ganham um fluxo social” (LUPTON, 2013, p. 5). E, por isso, a tipologia que escolhemos foi pensada para fazer dialogar texto e imagem, sem prejudicar a visualização da página. Assim, optamos pela fonte *Canter* sem serifa para os títulos e *Garamond* com serifa para o texto das biografias, o que possibilitou a linearidade do texto. A apresentação do catálogo ficou por conta de Walter Lara, ilustrador mineiro premiado, com longa trajetória e que esteve entre os ilustradores selecionados para representar o Brasil na Feira de Bolonha de 2014.



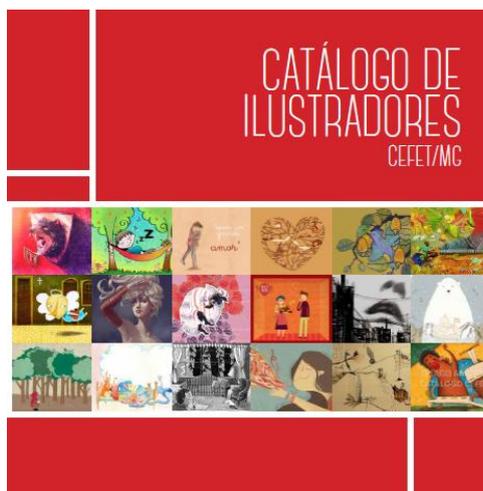
Fig.5: Esboço do projeto gráfico



Fig. 6 e Fig. 7: *Layout do Catálogo Traços Gerais: novos nomes da ilustração mineira*



Fig. 8: Proposta inicial de capa



Inicialmente, o projeto foi desenvolvido para ser divulgado em uma plataforma digital de financiamento coletivo, que funciona como um intermediário entre os autores de projetos e aqueles que se interessam pelo projeto anunciado e desejam contribuir financeiramente para concretizá-lo. Diferentes alternativas ainda estão sendo avaliadas, mas

além de tentarmos viabilizar a impressão do catálogo, com uma tiragem pequena (impressão digital) ou de 1000 exemplares (impressão offset), pretendemos disponibilizar a versão digital para boa parte das editoras brasileiras, entidades ligadas ao livro e interessados em geral.

Mercado

A produção desse catálogo busca contribuir com o momento de efervescência do cenário atual, em que a ilustração vem sendo cada vez mais importante na publicação infantojuvenil. Percebe-se que o espaço para a ilustração nos livros feitos para crianças expandiu-se. Segundo a crítica francesa Sophie Van der Linden, até o século XVIII o uso de imagens em livros infantis era restrito pelo fato de serem usadas técnicas diferentes para a composição de texto e de imagem. O que obrigava a impressão dos dois em separado e isso, sem dúvida, acarretava maiores custos na produção. No entanto, nos anos 1770, o inglês Thomas Bewick desenvolveu a xilografia de topo – técnica em que se produzia sobre uma prancha cujo corte transversal às fibras oferecia uma superfície muito densa – na qual a gravura era composta em relevo. Como o texto também era composto em relevo, o aparecimento da xilografia de topo possibilitou o convívio, na mesma página, entre texto e imagem (LINDEN, 2011). E, atualmente, os processos digitais facilitaram ainda mais a reprodução das ilustrações.

Todavia, não é somente por meio da evolução das técnicas que o espaço para a ilustração foi ampliado, mas, sobretudo, porque a relação e a função da ilustração diante do texto foram modificadas. Em muitos livros infantis contemporâneos a ilustração divide com o texto a mesma importância e, portanto, abandona-se a relação de redundância para dar lugar à relação de colaboração ou até mesmo de disjunção da imagem em relação ao texto. No primeiro caso, textos e imagens constroem um discurso único, à medida que o sentido emerge da associação entre ambos. Já na relação de disjunção, têm-se narrações paralelas, nas quais o sentido fica em aberto. Dessa forma, a função da ilustração não é mais meramente repetir a narrativa verbal, mas ser indispensável para dar sentido ao texto cumprindo função reveladora ou colaborando para a quebra de expectativas ao exercer a função de contraponto. A ilustração pode ainda dizer mais que o texto sem contradizê-lo ao desempenhar a função de amplificação (LINDEN, 2011).

Assiste-se ao ápice da importância da ilustração com a crescente publicação do

chamado livro-imagem ou livro ilustrado, como é conhecido no Brasil⁷. Nessa categoria de livros a ilustração é a única linguagem responsável pela construção da narrativa. Para o estudioso Michel Defourny foi em 1919, com a publicação de *Macao et Cosmage*, de Edy Legrand que se anunciou o livro-imagem contemporâneo infantil. Ao se tratar dessa categoria de livros, não podemos deixar de citar o aclamado livro *Onde vivem os monstros*, de Maurice Sendak, publicado em 1963 e que apresenta a supremacia do visual, com “uma dança entre palavras e imagens (...) [em que] as aventuras se desenrolam em imagens esparramadas ao longo das páginas, quase como uma sequência cinematográfica” (RAMOS, 2011, p.62). No Brasil, a primeira publicação de um livro-imagem foi com *Ida e Volta*, de Juarez Machado, lançado em 1975. Durante a década de 80, outros ilustradores começaram a publicar títulos com marcantes fundamentos visuais, como Eva Funari e Ângela Lago. Essas publicações desenvolveram a “percepção do potencial narrativo e poético das ilustrações, e despertaram o interesse de editores e autores que identificaram na mudança de enfoque a possibilidade de renovar as experiências narrativas conhecidas”, como afirma o ilustrador Odilon Moraes em texto de apresentação escrito para o *Catálogo ilustradores SIB: Literatura Infantil e Juvenil*.

Esse reconhecimento do “potencial narrativo e poético das ilustrações” tem contribuído para que o ilustrador passe a ser considerado um coautor da obra. Walter Lara, em resposta à entrevista realizada para a confecção deste texto, apontou que “hoje o mercado respeita o ilustrador ao considerá-lo coautor. Há décadas ele foi chamado de arte finalista, seguindo fielmente o que o autor ou a editora indicava”. A atual tendência dos contratos de edição de livros infantojuvenis passaram a incorporar a participação dos ilustradores nos direitos autorais das obras, destinando cerca de 2 % a esses profissionais, demonstra o reconhecimento por parte de mercado editorial do trabalho do ilustrador. Mas Maurizio Manzo, também entrevistado para a realização deste trabalho, esclarece que essa condição está, muitas vezes, em contratos de editoras maiores e que a destinação dos 2% não é um padrão. Se essa questão da coautoria ainda não está bem definida, o que podemos afirmar é que “nossos autores e ilustradores são de alto nível. Um exemplo disso são os prêmios internacionais que recebemos”, como nos escreveu Lara, que aponta o cenário atual do mercado como favorável para o ilustrador, destacando que:

⁷ Não há em muitos países um termo fixo para definir o livro ilustrado infantil. Em francês recebe o nome de “álbum” ou “livre d’images”, em Portugal “álbum ilustrado”, em espanhol “álbum” e em língua inglesa “picturebook”, “picture book” e “picture-book” conforme Linden (2011).

A princípio pode parecer difícil, mas o ilustrador que estiver preparado (com bom conhecimento técnico, domínio do desenho e do material que escolheu para trabalhar) vai ter chance no mercado. Mesmo porque esse mercado está em expansão. Vamos sempre precisar de profissionais novos, com novas ideias e, sobretudo, com uma linguagem que se atualiza. Embora muito ainda deva ser feito, o caminho é sem volta e a tendência é melhorar.

Maurizio Manzo compartilha dessa opinião e assinala as oportunidades que o mercado oferece, mesmo para quem está começando:

O mercado cresceu e têm várias e boas possibilidades para quem está iniciando na carreira de ilustrador. Há uma gama enorme de materiais impressos, desde livros, revistas, jornais até materiais promocionais produzidos por agências de publicidade e propaganda ou agências ligadas a design (por exemplo, embalagens de vários produtos, capas de CDs, etc). Há ainda as vantagens de um mercado mais recente ligado à internet, por meio do qual é possível apresentar um portfólio digital de uma maneira diferente daquela de anos atrás. Isso é muito bom, já que torna possível trabalhar para editoras de outros países.

Ao enviarmos para editoras o catálogo *Traços Gerais* pretendemos divulgar os vinte artistas que compoem o catálogo e, dessa forma, dar visibilidade à produção editorial infantojuvenil mineira, propiciando oportunidades de trabalho para os ilustradores no mercado editorial nacional. Partimos do pressuposto de que “ações como essa [catálogo] fortalecem todo o mercado” editorial, como ressalta Lara.

Considerações Finais

No livro ilustrado infantil e juvenil a ilustração oferece uma ampla capacidade narrativa, possibilitando várias interpretações e significações da obra. Nesse sentido, percebe-se que o papel do ilustrador em uma obra não pode ser mais considerado como de coadjuvante e sim como de coautor. Por isso, destacamos a relevância da produção do catálogo *Traços Gerais: novos nomes da ilustração mineira* que, ao dar visibilidade a novos nomes da ilustração e oferecer uma gama de profissionais altamente talentosos, pode fornecer boas opções aos editores que buscam por esses profissionais cada vez mais fundamentais, entre outros fatores, para a qualidade e sucesso de um livro.

Referências

MARTINS FILHO, P.; FERREIRA, J. P.; GUINSBURG, J. (orgs.). **Livros, Editoras & Projetos**. 1. ed. São Paulo: Com-Arte/Atêlie Editorial, 1997.

LINDEN, S. V. D. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LUPTON, E. **Pensar com tipos**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MACIEL, N. Para a criança ler. **Correio Brazilienze**, 10 fev. 2010. Caderno de Diversão e Arte, Brasília, capa-p.3.

NEGRO, M. (org.). **Catálogo ilustradores SIB: Literatura Infantil e Juvenil**. Teresópolis: 2AB Editora, 2008.

RAMOS, G. **A imagem nos livros infantis** – Caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ROCHA, C. **Novo projeto tipográfico**. São Paulo: Rosari, 2012.